

Do privado ao público: a escrita de si em "The Black Box Diaries" e a subjetividade feminina no documentário epistolar¹

Ana Carolina Lopes Francisco²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

O presente artigo investiga como o uso da escrita de si no documentário ensaístico de autoria feminina contribui para reivindicar formas de autorrepresentação da mulher e politizar a subjetividade no espaço público. A partir do filme "Black Box Diaries" (Shiori Ito, 2024), propõe-se uma análise do diálogo entre linguagem epistolar, memória e performance identitária. A partir de autores como Arfuch, Sennett, Rago, Butler e Baltar, a pesquisa explora como cartas e diários são ressignificados no cinema documental como gestos políticos de enunciação. Faz-se a defesa do potencial de documentários atravessados pelo gênero epistolar para tensionar as fronteiras entre o público e o privado, reinscrevendo a experiência feminina na esfera política por meio da performance narrativa.

Palavra-chave: documentário; autorrepresentação; polifonia; cinema de autoria; performance.

O cinema documental de autoria, que ganha força a partir do final do século XX e se consolida de forma mais expressiva no Brasil nos anos 2000, caracteriza-se por uma estrutura estética e narrativa em que as fronteiras entre o privado e o público se entrecruzam, estabelecendo o que Baltar (2019) denomina como um "pacto de intimidade" com o espectador. Nesse contexto, destacamos os filmes ensaísticos atravessados pelas linguagens da carta e do diário, especialmente os dirigidos por mulheres, que evidenciam um movimento contínuo de reivindicação do protagonismo feminino nas narrativas de si. Embora situadas no campo do cinema contemporâneo, essas obras reverberam um passado literário em que as cartas foram ferramentas para mulheres expressarem sua subjetividade (French, 1996).

Este trabalho parte do desejo de ensaiar a relação entre as narrativas de si de autoria feminina no campo literário e o documentário contemporâneo permeado pela

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). Bolsista CAPES. E-mail: anacarolinafrancisco@gmail.com.

linguagem epistolar. Busca-se compreender o potencial dessas obras para ressignificar o lugar de enunciação da mulher e tensionar as fronteiras entre o público e o privado, atrelando a prática autobiográfica a um gesto político. Assim, a questão central é: como o uso da escrita de si no cinema documental ensaístico de autoria feminina contribui para reivindicar formas de autorrepresentação da mulher e politizar a subjetividade no espaço público?

A análise tem como base o filme “Black Box Diaries” (Shiori Ito, 2024), que traz uma modernização da linguagem do diário no campo documental. Fragmentos da obra, em diálogo com referências bibliográficas sobre processos históricos, culturais e sociais, ajudam a refletir sobre como as escritas de si (em cartas e diários) alcançam no cinema potência como dispositivo de enunciação subjetiva e política.

A fundamentação teórica apoia-se em autores que discutem a escrita de si como gesto político e forma de subjetivação (Arfuch, 2011; Rago, 2013), bem como no pensamento de Sennett (2014), que revela como a exposição da mulher no espaço público historicamente esteve associada à perda da virtude. Com base nesses referenciais, entende-se o documentário epistolar de autoria feminina como um dispositivo que amplia o acesso das mulheres à enunciação pública, historicamente negado. O gênero epistolar, conforme argumenta French (1996), foi uma das poucas formas de expressão acessíveis às mulheres em contextos de marginalização. Segundo Rago (2013), a escrita de si se apresenta como um gesto político de subjetivação. De forma que esses relatos femininos não apenas organizam a memória individual, mas também interferem nos modos sociais de representação no seu íntimo e no público.

No cinema criou-se mais um espaço para que as mulheres compartilhassem suas narrativas. Foi a cineasta belga, radicada na França, Agnès Varda, nos anos 1960, uma das precursoras de uma escola documental que priorizasse a subjetividade em detrimento da racionalidade e neutralidade (Miranda, 2016, p. 1). Mulheres de várias partes do mundo foram fundamentais para consolidar o cinema-ensaio desde os anos 1980 (Miranda, 2016). Esse estilo rompe com a ideia de verdade universal, valorizando autorrepresentações que fogem da neutralidade e manifestam memórias particulares ou coletivas (Valles, 2018).

“Black Box Diaries” opera precisamente nesse campo. A discussão do filme se insere no contexto do cinema epistolar e feminista, relacionando-se aos atos performativos discutidos por Butler (2019), nos quais o “eu” é construído pela linguagem e pela repetição de gestos. No filme, a performatividade se expressa na narração, na remontagem das memórias e na exposição de registros íntimos. Ao transformar seu trauma em linguagem cinematográfica, Ito desloca o seu lugar como objeto do discurso dominante sobre violência sexual no Japão, seja pela mídia, pelo público que acompanhava o caso nos telejornais, pelas instituições, para quem agora controla a própria narrativa.

Referências

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. Capítulos 1 e 2.
- BALTAR, Mariana. **Realidade Lacrimosa: o melodramático no documentário brasileiro contemporâneo**. Niterói, RJ: EdUFF, 2019.
- BLACK BOX DIARIES**. Direção: Shiori Ito. [S.l.]: Rocco Films, 2024. Documentário (1h 25min).
- BUTLER, Judith. **Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e a teoria feminista**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. *Caderno de Leituras*, Chão da Feira, n. 78, jun. 2018.
- FRENCH, Marilyn. **Para entender o mundo: uma história das mulheres**. Tradução de Cristina Yamagami e Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MIRANDA, Viviane. **Ensaio fílmico sobre um relacionamento à distância**. [S.l.]: Pantheon Institutional Repository, 2016.
- RAOUL, Valerie. **Women and diaries: gender and genre**. [S.l.]: JSTOR, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24780526>. Acesso em: 06 jun. 2025
- RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. Introdução.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Rio de Janeiro: Record, 2014. Parte Um.
- VALLES, Rafael Rosinato. **Narrar o vivido, viver o narrado: a construção do diário na obra de Jonas Mekas**. [S.l.]: PUCRS, 2018.